

MÉTODO

DE

ESTUDO

Leonardo Lugaresi

MÉTODO: UMA QUESTÃO PESSOAL

1. A escola e o estudo fazem parte da nossa realidade. São um dado de fato, existem. Ora, diante da realidade, nós só temos uma alternativa: ou *estamos passivos diante dela* ou *a acolhemos* (que a realidade possa ser negada é somente uma ilusão perigosa).

Estar passivos diante da realidade, no caso do estudo escolar, significa entender e praticar o estudo como uma espécie de mecanismo de transferência de alguns conteúdos de um lugar para outro. A maneira com a qual muitas vezes estudamos na escola parece muito com a transferência de um conjunto de objetos de um espaço, o espaço gráfico do livro, para um outro espaço, o da mente do estudante, onde esses objetos transitam, para, no devido tempo, serem transferidos para um novo espaço gráfico de uma tarefa. A maior parte se perde na “terra de ninguém” daquilo que nós uma vez aprendemos e agora não lembramos mais. Nesse tipo de movimento, a mente e o coração da pessoa são implicados muito superficialmente. É como encher uma banheira de água: depois que nós destampamos a saída, a banheira fica úmida por um tempo e depois não fica nenhum resto de água. Evidentemente que estamos exagerando, mas não estamos muito longe da verdade.

“Acolher” a realidade significa “assumi-la”, comprometer-se, envolver-se com ela, deixá-la entrar e, sobretudo deixar que ela modifique o nosso espaço interior (uma coisa depositada num quarto não modifica o quarto, mas uma semente plantada no chão o modifica). É esta a necessária passividade que está no início de cada atividade verdadeira, é este interesse que torna cada atividade nossa, inclusive o estudo, autenticamente humana. A realidade nos interessa, tem a ver conosco, toca-nos no fundo.

2. A primeira, fundamental (e talvez única) questão é, então, *se a realidade nos interessa*. A primeira palavra sobre a qual meditar, para aprender a estudar, é a palavra *interesse*. Olhe que não lhes falo, em primeira instância, de técnicas de macetes, de métodos particulares para tornar o estudo eficaz. Para isso existem manuais, alguns até bons, mas nós temos que nos lembrar que “as verdades mais preciosas são aquelas que se descobrem por último; mas as verdades mais preciosas são os métodos.” (Nietzsche) Se ficarmos em uma posição verdadeira e perseverarmos no trabalho, os métodos, nós vamos descobri-los, e iremos fazê-los sozinhos.

O ponto é que não parece nada óbvio que a realidade nos interesse. Quando criança era diferente, mas agora... A falta de apetite diante da vida é uma característica das nossas gerações; basta pensar em como respondemos banalmente às perguntas, muitas vezes colocadas banalmente, do tipo: “Como vai?”, “O que você fez hoje?”, “O que te aconteceu na sala de aula?”, etc; o nosso formulário de conversa cotidiana é espelho de uma alarmante indiferença diante da possibilidade de que a vida seja cheia de evento. Assim, desabituaados ao interesse pela realidade, nós ficamos espantados quando acontece algo grande.

Mas se não nos interessa (no sentido forte do termo, não naquele que normalmente usamos), como podemos pensar em estudar? É perfeitamente inútil que eu pense em estudar, mas é também inútil que eu pense em viver.

Então perguntemo-nos (e é o primeiro “exercício” que proponho):

- o que me interessa?

- que relação existe, ou pode existir, entre aquilo que me interessa e a circunstância, aquilo que tenho que estudar na escola?

3. Mas nós estamos aqui para nos ajudar e, então, além estas duas perguntas, que requerem um trabalho pessoal e contínuo no tempo para chegar a uma resposta qualquer, vamos nos fazer uma terceira pergunta à qual procuraremos responder juntos: como se faz para suscitar e deixar vivo um interesse para com a realidade; como se faz para retomar continuamente uma vontade de conhecer e, então, de estudar?

A. O primeiro e mais poderoso meio é *a nossa amizade*, com a condição que seja verdadeira e, então, que queira investir toda a vida. Poderá parecer estranho que eu indique, como primeiro elemento de um bom método de estudo, a nossa amizade, e, com efeito, esta é uma sugestão que vocês não vão encontrar nos manuais. Mas a amizade é o paradigma do interesse pela realidade. Estando aqui todos juntos, é quase impossível que estejamos todos adormecidos, obtusos, mecânicos em perceber os estímulos que nos vêm da realidade. Deve haver alguém acordado e apaixonado, e talvez agora esteja escutando com inteligência estas perguntas, mil idéias.... Tem sempre pelo menos um que está mais aberto do que os outros, talvez aberto para um aspecto só do real. O ponto é que ele acorde os outros e diga “olhe aqui, veja lá como é importante esta coisa, preste atenção para a outra...” Depois, quando acontecer de ele ficar adormecido (porque a vigilância para nós é cansativa, e não somos capazes de ficar atentos por muito tempo) vem um outro para chamar a atenção dele. Esta me parece a imagem mais bela possível da amizade como relacionamento educativo e de ficar juntos na escola como companhia (as primeiras escolas universitárias da Idade Média eram chamadas de *comitivae* - companhia - e é um nome belíssimo que procuramos retomar).

Acordar de novo a mente e o coração do discípulo para o relacionamento com a realidade, ativar a inteligência e a afetividade do discípulo através do ensinamento (isto é, através dos ‘sinais’) é a missão fascinante e difícil do mestre.

Estão em amizade conosco, neste sentido, também certos autores, certos livros, às vezes uma música, um filme que nós assistimos.. Podemos ser ajudados a aprender por todas as coisas.

Regra prática: não segure nada para você: doe tudo aquilo que descobrir. Se existe um coisa, mesmo pequena, que te marcou e por um instante te devolveu interesse e vida, comunique-a e a proponha aos outros: neste esforço de você também ser mestre, vai aprender a aprender.

B. Naquilo que acabo de dizer tem o início da segunda indicação do método: *escolher*, isto é, “diligere”, amar algo. A gente ama só aquilo que a gente escolhe. Deus, como diz a Escritura, nos ama enquanto nos escolheu (“Deus me prefere”, observa Siniavskij). Para aprender a amar (e por isso também a estudar) é preciso escolher. A idéia de um amor genericamente voltado para a Humanidade é uma armadilha. Como diz um personagem de Dostoievskij: “Eu amo a humanidade, e fico maravilhado comigo mesmo: quanto mais amo a humanidade em geral, tanto menos amo os homens em particular, isto é, tomados separadamente como indivíduos... Para os homens talvez eu teria subido na cruz, se isso tivesse sido necessário, mas por enquanto não estou em condições de habitar com ninguém por dois dias no mesmo quarto.”

Mas escolher não significa buscar de forma pirracenta algo que pode fazer o nosso caso; escolher quer dizer reconhecer aquele ponto no qual a vida nos pergunta. Neste sentido, é exemplar a narração do evangelho que introduz a parábola do Samaritano que pergunta a Jesus “Quem é o meu próximo?”. Pretendia colocar uma bela questão teórica e esperava uma definição geral. Jesus lhe responde contando um fato: “Um homem andava de Jerusalém a Jericó..” ; assim, o deixa completamente deslocado, surpreendido. *Aquele* homem, *aquela* estrada, *aquele* dia são o próximo. Está aqui toda a diferença entre o interesse verdadeiro para com a realidade (que pode se expressar como *amor* e como *estudo*) e o cumprimento do dever, moral ou profissional (filantropia ou bom comportamento escolar).

Regra prática: *comece pelo ponto que te interessa*, que te marcou, que talvez tenha te irritado. Não se descuide dele, mesmo que te pareça pequeno e secundário; procure não deixar aquele início de interesse que a vida te oferece. A grande tentação, na vida moral e na intelectual, é aquela de passar por cima das intuições mais verdadeiras com o pretexto de não ter tempo, que temos mil coisas para fazer. (E, verdadeiramente, também nisso a organização da escola de hoje, com a sua obsessão pela quantidade, não ajuda muito). Se nós fizermos assim, o nosso horizonte, antes ou depois, se alarga, e começa-se a dar o passo daquilo que nos interessa para aquilo que antes não nos interessava: não é uma coisa feita à força, porque na realidade se segura tudo e é impossível se ocupar seriamente de algo e não perceber os mil laços que unem essas coisas com o resto da criação. Qual é meta deste caminho? tornar-nos homens aos quais interessa tudo: pessoas que talvez possam sofrer - porque diante deste desejo as possibilidades humanas são infinitas - mas certamente pessoas que nunca ficam entediadas. A vida, assim, sempre tem gosto.

Este *dilectio* (escolher) além de ser um critério para cultivar um interesse, torna-se uma estratégia de aproximação da matéria do estudo. Também na escola, a apresentação dos assuntos nunca deveria ser extensiva - isto é, preocupada em alcançar uma presumida universalidade e, por isso, inevitavelmente, chata e uniforme, como uma carta geográfica - mas na tensão a evidenciar os nervos, os pontos vitais, os relevos, e as depressões, como num material plástico: este esqueleto pode ser completado depois, adquirindo-se pacientemente noções e dados.

C. Terceira conclusão: *perseverar*. Isto é, confiar, ter paciência e estar dispostos a pagar um preço. Tem que se acreditar que um certo empenho, uma certa fadiga, um certo tempo gasto com a palavra de quem guia, é necessário para que nasça em nós o gosto por aquilo que estamos fazendo. Quase nada daquilo que é verdadeiramente importante é imediatamente “gostoso”: o profano nem imagina os prazeres que certas coisas dão àquele que está seriamente empenhado na experiência

daquelas coisas. Isto vale para as coisas pequenas (por exemplo, penso no rico leque de sensações e pensamentos de um filatélco diante daquilo que para mim é só um pedacinho de papel que tenho que pregar num envelope), mas muito mais vale para as coisas grandes.

Porém nós precisamos pelo menos ter a direção do nosso empenho. É o problema da consciência do sentido da nossa fadiga: eu posso estudar “diligentemente”(isto é, com *dilectio*) o solfejo enquanto estou apaixonado pela música. Regra prática: *perguntar sempre por que são feitas as coisas*. A famosa pergunta “de que me adianta estudar o latim” é, por um lado, mal colocada porque não se trata somente de um problema de utilidade prática, como aquele feio “me serve” deixa transparecer, mas, por outro, é justa na sua gênese como pergunta sobre o sentido de uma matéria.

Atenção, porém: é preciso também ter a humildade para aceitar e tomar como hipótese de trabalho uma resposta que na hora não nos convence ou não entendemos. Talvez se possa tornar a colocar a questão um pouco depois, se a verificação não nos satisfaz.

4. Que tipo de inteligência da realidade gera em nós o interesse, quando ele está bem rico?

A. antes de mais nada, a capacidade de estupor. “Maravilhar-se” pelas coisas significa vê-las verdadeiramente. Vê-las como pela primeira vez, no milagre da existência delas e da forma que lhes é própria: as coisas existem e são assim, ao passo que poderiam não existir ou existir de uma forma completamente diferente. Somente no reconhecimento desta “evidência” existe um verdadeiro e fecundo conhecimento. Permitam-me uma lembrança pessoal. Quando minha mulher estava grávida do nosso primeiro filho acompanhei-a para fazer a primeira ultrassonografia. A um certo ponto apareceu na tela do aparelho o perfil do rosto de uma criança, com uma expressão que - eu juraria - era já aquela que ele tem agora. Bem, naquele momento de forte emoção eu

media a distância que separa um tipo de conhecimento do outro: eu já sabia antes que a criança estava ali, acreditava na existência dela e já lhe queria bem, mas não era a mesma coisa. Somente naquele momento a reconhecia. Não sei como dizer melhor e confio na vossa intuição; aquele conhecimento tinha um peso completamente diferente.

Este olhar que contempla e conhece “seriamente” as coisas é a mais alta imitação que o homem possa fazer do olhar criador de Deus (“E Deus viu que cada coisa era boa”). Os artistas, e às vezes os filósofos, possuem este olhar, e justamente por isso nós os chamamos de “poetas”, isto é criadores, embora seja uma analogia pálida com o Criador. Mas este olhar, sob o qual nada é óbvio, pode ser também o nosso e então na nossa expressão - mesmo que não nos seja dado alcançar a perfeição da forma - os nossos pensamentos e as nossas palavras terão uma pureza de acento que não pode deixar de ser percebida. Não se trata de uma retórica bem articulada: quem fala daquilo que “conhece” verdadeiramente tem um acento inconfundível de verdade nas suas palavras, embora simples e modestas: “fique com a realidade, as palavras vão chegar.”(Catão)

B. O segundo aspecto é a capacidade de *pôr perguntas*. O estupor do qual estamos falando não é inércia, não é o assombro de quem está boquiaberto e depois sacode os ombros e retoma o caminho de sempre: a admiração gera um movimento cuja primeira forma é a pergunta. Cada qual formula a pergunta como pode, no início talvez seja só um balbuciar, poderá parecer uma divagação que não tem nada a ver (e depois tem a ver, como no episódio do evangelho de São João, quando os discípulos de João Batista vêem Jesus e começam a segui-lo, e quando ele se vira só sabem perguntar “Mestre, onde moras?”) mas é um passo que educa e aproxima da verdade. E por que acontece assim? Talvez seja porque a realidade que vem do encontro do nosso olhar sempre excede a nossa medida. A realidade contém sempre um início que ultrapassa a nossa espera e a nossa reação e nos convida a ir além. Volto ainda para uma experiência pessoal: lembro-me que há uns quinze anos estava num acampamento em Macugnaga, aos pés do Monte Rosa. De lá, a vista da montanha do Monte Rosa é uma coisa estupenda.

Depois dos primeiros cinco ou seis dias de neblina e de nevoeiro que fechavam a montanha como uma capa, o céu se abriu e chegou um dia muito límpido: o mundo, como na primeira manhã da criação, parecia novo e fresco, intacto no seu esplendor recém-saído das mãos de Deus. Eu tinha saído sozinho e, deitado num prado, olhava para aquele espetáculo, procurando beber dele até o fundo, quase para me tornar uma coisa só com aquilo que meus olhos viam. O que eu me lembro distintamente depois de quinze anos, é uma sensação de sutil e persistente dor que acompanhava aquela contemplação e a tornava cheia de melancolia: eu sentia que, por mais que olhasse não podia só olhar, eu sentia que entre a duração do monte e da geleira e a minha havia uma desproporção, sentia os meus olhos de cego tão inferiores à necessidade... Quantas perguntas coloquei naquele estupor!

Aqui também a regra prática é simples, quase pleonástica: *perguntar sempre*. Certamente não é um convite para provocar a qualquer custo perguntas artificiosas ou forçadas, mas para não deixar nenhuma sem expressá-la. Nenhuma pergunta sincera é desprezível: lembrem, além do mais, que um professor inteligente sabe avaliar não somente as respostas que vocês sabem dar às suas perguntas, mas também as perguntas que vocês sabem colocar.

5. Aquilo que nós estamos dizendo até agora identifica, mesmo que sumariamente, uma posição do intelecto e do coração. Se existe esta disposição intelectual e moral, já o dissemos no começo, o método entendido como técnica cada um faz sozinho. Todavia, acrescentando as regras práticas que nós sugerimos, podemos indicar um possível percurso cognoscitivo para ser levado em conta na nossa atividade de estudo, e que poderíamos sintetizar com os cinco verbos seguintes:

A. Recolher. Todo conhecimento sai da observação da realidade e da coleta (que, repare, implica por si uma escolha: cfr. com o que falamos acima) dos elementos que ela nos fornece.

Aqui é necessário introduzir uma breve observação sobre a *escrita*. Escrever é uma atividade absolutamente necessária para qualquer tipo de estudo (necessária mas não suficiente). Infelizmente neste caso também a escola não nos acostuma bem, com uma rígida divisão entre escritos e orais e com o hábito, assimilado pelos estudantes cedo demais, de reservar o exercício da escrita quase exclusivamente para a composição (a redação que se faz na sala de aula ou em casa) e de qualquer forma só para momentos especificamente avaliados pelo professor. Ao invés, é necessário escrever regularmente, todos os dias, como uma fase normal da atividade de estudo. A primeiríssima, elementar forma de escrita é *sublinhar e anotar* nos livros de texto. Não podem ser nunca operações mecânicas (há quem sublinhe tudo, mais por uma espécie de reflexo condicionado ou de tique nervoso do que por um gesto consciente; mas então sublinhar seria a mesma coisa que coçar a cabeça ou colocar os dedos no nariz) mas seletivas, ‘dirigidas’, pensadas já como o resultado de uma primeira elaboração. A segunda forma elementar de escrita funcional ao estudo é o *apontamento*. Sobre os apontamentos tomados na sala de aula os estudantes se dividem em dois partidos: há quem tome apontamentos desde o início até o fim da hora e registra tudo, inclusive a tosse e a eventual bobagem falada pelo professor na sexta aula para acordar a turma que já está desfalecendo. Há outros que pegam na caneta só se obrigados com as ameaças mais severas, conservando por todo o resto da aula a impassibilidade de um monge budista. De qualquer forma, o apontamento tomado na sala de aula é um momento importantíssimo de aprendizagem, mas tem que constituir a fase terminal de um rapidíssimo, quase instantâneo processo de compreensão e assimilação do quanto foi falado pelo professor e representar já o primeiro grau de formulação pessoal (cfr. com o que vamos falar daqui a pouco sobre as formulações). Trata-se, então, de uma técnica difícil, que se precisaria ensinar e para a qual é preciso se exercitar. De qualquer forma, é melhor não apontar tudo, mas estar certos de compreender aquilo que conseguimos anotar, mais do que empregar todas as energias para uma impossível corrida atrás do fluxo verbal da lição do professor. Pode ser útil fazer esta proposta: que o professor reserve alguns minutos no finalzinho da aula para a sistematização-integração dos apontamentos tomados durante a explicação. Mas apontamentos e notas têm que ser

tomados também em casa, cada um por sua conta, e deve-se aprender a *arquivá-los* de modo ordenado e prático.

Não é possível agora aprofundar este ponto, mas queria reafirmar que tem que ser recolhidas, e, então, escritas e arquivadas, também observações pessoais, perguntas que esperam resposta, início de reflexões, reações também a alguma coisa extra-escolar, etc.

Por tudo isso não podemos absolutamente confiar na memória; ela é fundamental no passo seguinte.

B. Assimilar. Significa propriamente “tornar parecido a nós mesmos”, isto é, interiorizar, filtrar através das fibras da humanidade, quase diria da nossa carne. A memorização desenvolve aqui um papel essencial, porque consente aquela “inseminação” da palavra ouvida no profundo da nossa alma da qual, com o tempo, pode voltar a aflorar idêntica e diferente ao mesmo tempo, porque já foi feita nossa. As palavras que decoramos vivem dentro de nós, são colocadas no terreno da nossa humanidade interior, e elas vivem “quer vigiemos, quer durmamos”, para brotar no tempo devido. Assim, não se pode estudar verdadeiramente um poeta sem decorar pelo menos um trecho da sua obra; mas poderemos dizer que compreendemos um pensador, se as idéias fundamentais da sua pesquisa não se tornarem para nós familiares também na forma com a qual ele as condensou? E assim poderíamos continuar. É óbvio que, nessa concepção do uso da memória conta muito menos a exatidão fotográfica da reprodução: os antigos, que decoravam muito, quando citavam, muitas vezes eram imprecisos, mudavam as citações, mas isso faz parte da função re-criativa e personalizadora da memória. Memória e escrita são, então, complementares e correspondem a funções e necessidades diferentes: trata-se de aprender a usar cada instrumento no modo apropriado e não pedir à memória aquilo que ela não nos pode dar.

C. Formular. Cada conhecimento, quando é possuído com segurança, assimilado e convenientemente personalizado, pode ser

condensado numa fórmula sintética, ou em um conjunto de fórmulas; tende, aliás quase naturalmente, a se recolher numa fórmula compacta e, por assim dizer, lapidada. Não é questão de amor cartesiano pelas idéias claras e distintas: mesmo a incerteza, a perplexidade, o susto diante da complexidade do real, tem uma fórmula própria (ao passo que não a tem a mera confusão mental, aquela “eu sei, mas não sei como dizer”: se você não sabe como dizer quer dizer que você não sabe). Esta capacidade de síntese e de construção formal pode ser considerada como a prova da alcançada maturidade de um pensamento. A ela tem que se tender em cada fase do nosso trabalho, procedendo aos poucos por aproximação e correções sucessivas.

Duas regras práticas. A primeira: não considerar com demasiada suficiência aquelas fórmulas específicas que são os dizeres, os lemas, os slogans, os ‘pensamentos’etc: repeti-los mecanicamente como substitutivo do esforço intelectual próprio é o máximo da estupidez (é aquela “cultura em pílulas” que se encontra dispensada, hoje também, de muitas ‘cátedras’, não somente escolásticas). Estudar bem os provérbios, procurar entender como são feitos, de onde tiram sua força: este é um ótimo exercício. Não saberia indicar um alimento melhor para a inteligência, nesse sentido, do que os pensamentos de Pascal.

Segunda indicação: que a pressa, as muitas coisas que a gente tem de fazer, não nos faça deixar de lado o esforço de “procurar as palavras”, de tirá-las mesmo com a fadiga da nossa mente. Quando vocês elaboram os seus conhecimentos, perguntem-se sempre se sabem formulá-los, eventualmente tentem escrever os conhecimentos e depois vejam se se pode dizer melhor (pode-se sempre). Este esforço, com o tempo, será muito bem recompensado: é assim que se aprende a escrever.

E aqui, falando de escrita, é preciso fazer uma segunda breve digressão. Qual é a característica fundamental da palavra escrita que a diferencia da palavra falada? A palavra falada (a oral, como se diz) tem a ver com o *tempo*, é uma porção de tempo, e é indissolúvelmente ligada ao sujeito que a pronuncia. Certo, os meios de gravação dilatam este ‘aqui e agora’

na qual o sujeito a pronuncia, mas cada vez que esta palavra é representada é representado o sujeito que a profere. Quando não existe mais o sujeito, não existe mais a palavra. Onde ela está? No espaço mutável da memória de quem a escuta, na qual ela é variadamente selecionada, modificada, interpretada, integrada, removida... Que é das palavras que eu falei há poucos instantes? A maioria, perdida. Ao passo que a palavra escrita tem a ver com o *espaço* - aliás, em sentido físico, é uma porção de espaço e permanece no tempo de forma completamente independente do sujeito que a pôs no início. Um texto escrito, se vocês pensam bem, se apresenta antes de mais nada como um espaço organizado de uma certa forma.

Teria muito a refletir sobre estas coisas, que seria fascinante, mas aqui não é o caso. Vamos nos limitar a trazer rapidamente duas ou três conseqüências práticas que investem diretamente a execução das operações intelectuais das quais estamos falando.

* O que nós escrevemos torna-se um objeto que está diante de nós. Por isso escrever significa objetivar aquilo que temos dentro e que, antes de ser escrito, faz parte só do sujeito. Assim, por exemplo, escrevendo dizemos a nós mesmos, tornamo-nos nós e os nossos sentimentos e pensamentos, objeto do nosso próprio olhar. Isto, e só isto, permite a análise de si, o confronto, a comparação de si com a realidade. Ninguém pode ver os seus olhos a não ser no espelho. Aqui está a grande possibilidade da escrita de introspecção e de expressão pessoal. Desde as confissões de Santo Agostinho até o diário que vocês fazem.

* A outra conseqüência diz respeito à maneira de explorar plenamente as características 'espaciais' da escrita: trata-se, de fato, de organizar um espaço físico (folha, tela do computador ou aquilo que vocês quiserem) de modo que reproduza de forma melhor, mas, ao mesmo tempo, ordene e esclareça um espaço mental. Explico-me: no espaço da mente, os conceitos coexistem e interagem em uma complexa rede de relacionamentos; ao passo que a oralidade os obriga à linearidade de um sistema que pode emitir um sinal de cada vez. A escrita, então, pode reproduzir (e, insisto, ajudar) o complexo contexto

que existe dentro de nossa mente. Então é preciso ter uma atenção extrema para a impositação gráfica, para o ‘lay-out’ da página: blocos, espaços brancos, sublinhas, caracteres e cores diferentes, sinais diacríticos, e tudo aquilo que pode servir para transformar uma página de apontamentos ou de rascunho de uma redação em um real instrumento de organização do nosso pensamento. Nisto penso que os novos processos de tratamento dos textos oferecidos pelo computador abram verdadeiramente possibilidades interessantíssimas.

* Por último, pelo que diz respeito à permanência no tempo: esta é a condição imprescindível para a corrigibilidade do texto, e para o seu afinamento (lembremos o que significa corrigir e afinar o pensamento). “Refazer a escrita” : pode parecer banal, mas ninguém na escola nos faz fazer isso: a redação , por exemplo, muitas vezes é considerada como uma prova que se esgota de uma vez só e não se convidam as pessoas a voltar, talvez depois de um certo tempo, àquilo que escreveram, para justamente reescrevê-lo.

D. Pensar. No sentido da etimologia latina: *pensare* = pesar. Pode -se dizer que se pensa verdadeiramente só aquilo que de pesa. Com efeito, há conhecimentos que são tão leves que não sentimos o peso, e escorregam: são milhões de coisas que não mudam aquilo que somos. ‘Pesar’ as coisas, então, quer dizer saber distinguir (nós conhecemos verdadeiramente aquilo que é quando sabemos distingui-lo de outras coisas; sabemos aquilo que é quando sabemos dizer aquilo que não é); sabê-las opor; sabê-las ‘imaginar’; sabê-las confrontar (conosco mesmos, antes de mais nada). Mas veio o momento de chegar na nossa palavra final.

E. Julgar Quer dizer tomar posição. É a comparação conosco mesmos, ou melhor, com aquilo que nos constitui como pessoas. Para nós que temos fé é a consciência do nosso relacionamento com Cristo. Filipetti dizia que estudar, em última análise, significa conduzir tudo para um centro que é uma determinada idéia de Cristo, do homem, do cosmo. É necessário tomar posição, arriscar um juízo: um estudo que não leva a uma tomada de posição fica aleijado. É preciso humildade,

mas também coragem ('arriscar' um juízo quer dizer correr o risco de errar); diante das coisas (diante de qualquer coisa, porque também um teorema de matemática pede, no final da demonstração, o meu consentimento, e se o meu consentimento é verdadeiro e sentido, é um quente e afetuoso *sim* à Verdade, da qual aquele teorema é um pequeno reflexo) ; então, diante das coisas é preciso se perguntar: e eu? Eu, como estou, onde me encontro, com quem estou?

Queria concluir com as palavras de um grande estudioso, Rodolfo Quadrelli , o qual - referindo-se aos estragos produzidos por um determinado modo de tratar a literatura - escrevia: “uma ‘cientificidade’, que briga com o rigor e que é sinônimo de banalidade, neutralizou a lição do passado reduzindo-a à história e não mais iluminando-a como tradição cujo resultado está no futuro... Ela literalmente vedou o reconhecimento de como as idéias se convertem em escolhas a serem feitas para qualquer um e não em escolhas já feitas por alguém.”

Eis, nós queremos ir para a escola assim. No final, o estudo é uma questão de liberdade. Justamente como o é no começo. O círculo se fecha.